

Desafios do jornalismo e dos jornalistas no enfrentamento da crise climática: o combate aos problemas socioambientais do RS no *JN*

Challenges for journalism and journalists in tackling the climate crisis: the fight against socio-environmental problems in RS on JN

Desafíos del periodismo y de los periodistas frente a la crisis climática: la lucha contra los problemas socioambientales en la RS en JN

Beatriz BECKER¹
Jéssica BOTELHO²
Agostinho VIEIRA³

Resumo

A partir uma análise da cobertura jornalística do *Jornal Nacional* da tragédia causada pelas fortes chuvas no Rio Grande do Sul, baseada nos fundamentos teórico-metodológicos da *News Literacy*, e de entrevistas realizadas com 15 jornalistas da mídia tradicional e de veículos nativos digitais, faz-se neste artigo uma reflexão sobre o papel do jornalismo diante da crise climática. Identifica-se que os profissionais têm consciência de suas responsabilidades e potencialidades no combate aos problemas socioambientais e à desinformação. Revela-se a importância das práticas jornalísticas com vistas ao apontamento de soluções para a construção de uma sociedade mais inclusiva e sustentável e para a extinção de formas variadas de discriminação que vulnerabilizam pessoas e comunidades e de ações predatórias contra as demais espécies e o meio ambiente.

Palavras-chave: crise climática; jornalismo ambiental; *Jornal Nacional*; Rio Grande do Sul; desafios dos jornalistas.

¹ Professora emérita da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), pesquisadora do PPGCOM-UFRJ e bolsista de Produtividade do CNPq. E-mail: beatrizbecker@uol.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6665-8911>

² Jornalista e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ. E-mail: jessy.botelho@gmail.com Orcid: 0000-0001-7752-3051

³ Jornalista e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ. E-mail: agostinhovieira@projecolabora.com.br Orcid: 0000-0001-5757-7861



Abstract

Based on an analysis of *Jornal Nacional's* journalistic coverage of the tragedy caused by heavy rain in Rio Grande do Sul, using the theoretical and methodological foundations of *News Literacy*, and interviews with 15 journalists from traditional media and digital native media outlets, this article reflects on the role of journalism in the face of the climate crisis. It identifies that professionals are aware of their responsibilities and potential to combat socio-environmental problems and disinformation. It reveals the importance of journalistic practices in pointing out solutions for building a more inclusive and sustainable society and for ending the various forms of discrimination that make people and communities vulnerable and predatory actions against other species and the environment.

Keywords: climate crisis; environmental journalism; *Jornal Nacional*; Rio Grande do Sul; journalists' challenges.

Resumen

A partir de un análisis de la cobertura del *Jornal Nacional* de la tragedia causada por las fuertes lluvias en Rio Grande do Sul, utilizando los fundamentos teóricos y metodológicos de la *News Literacy*, y de entrevistas con 15 periodistas de medios tradicionales y nativos digitales, este artículo reflexiona sobre el papel del periodismo frente a la crisis climática. Identifica que los profesionales son conscientes de sus responsabilidades y potencial para combatir los problemas socioambientales y la desinformación. Revela la importancia de las prácticas periodísticas con el fin de apuntar soluciones para construir una sociedad más inclusiva y sostenible y para la extinción de las diversas formas de discriminación que hacen vulnerables personas y comunidades y a acciones depredadoras contra otras especies y el medio ambiente.

Palabras clave: crisis climática; periodismo ambiental; *Jornal Nacional*; Rio Grande do Sul; desafíos de los periodistas.

Introdução

O agravamento da crise climática tem aumentado a fome no planeta, reduzido o desenvolvimento de vários países e ameaçado a paz mundial. Segundo o relatório “*State of the Global Climate*” 2023, divulgado pela Organização Meteorológica Mundial (WMO), o ano de 2023 foi o mais quente registrado na história e quebrou recordes no aquecimento dos oceanos, na elevação do nível do mar e na perda de gelo na Antártida. O número de pessoas em situação de insegurança alimentar aguda em todo o mundo mais que dobrou, passando de 149 milhões, em 2019, para 333 milhões neste mesmo ano. Milhares de pessoas deslocadas de seus territórios devido a guerras e conflitos têm sido afetadas pela mudança climática e ambiental. Os deslocamentos no contexto das mudanças climáticas e da degradação ambiental resultam de uma



combinação de fatores (State of the Global Climate, 2023). Os extremos climáticos criam riscos de segurança entre as populações mais vulneráveis e minam a resiliência. Os tensionamentos em torno do acesso à água em todo o planeta ainda intensificam conflitos e representam uma real ameaça à paz. Hoje, 2,2 bilhões de pessoas não têm acesso à água potável e 3,5 bilhões estão sem saneamento (World Water Development Report, 2024).

Vive-se um momento marcado por incertezas, medo e conflitos. Para Latour (2020), a promessa de oportunidades para todos, da modernidade, não vingou e causou frustrações que aguçam o individualismo em detrimento da solidariedade. Segundo o filósofo e pesquisador, é preciso abandonar a produção como o único princípio de relação com o mundo e redirecionar ou desacelerar o sistema econômico dominante, pois a Terra mostra que não é um quadro estável disponível às ações e intervenções humanas. Ele alerta sobre a entrada em cena do terrestre, ou seja, do planeta, como um novo ator político, nomeia o atual período da história de geo-história e sinaliza que o movimento geossocial, articulado aos movimentos sociais e ambientalistas, abre possibilidades de instaurar perspectivas de resistir e sobreviver. Assim, Latour aponta possibilidades de compreender as transformações de nossa época a partir de uma perspectiva ecológica diante do que ele denomina de “novo regime Climático” impactado pela civilização industrial.

O atual período histórico que Latour denomina de geo-histórico se aproxima da necessidade de reconhecer a importância da intervenção das ações do homem na terra e de redirecioná-la para a superação dos problemas socioambientais que pesquisadores das ciências da natureza denominaram como a era do Antropoceno, no início dos anos 1980. A partir dos anos 2000, o termo Capitaloceno passou a ser também utilizado para destacar a magnitude dos efeitos das atividades antrópicas na Terra vinculadas à globalização, sobretudo a interesses financeiros e a disputas de poder, que levaram à degradação ambiental e às desigualdades sociais.

Hoje, entretanto, Haraway (2023) argumenta que é preciso romper limitações do Antropoceno e do Capitaloceno, evitando o futurismo e o desespero ou a esperança, em busca de soluções no presente para os problemas socioambientais mediante o estabelecimento de colaborações e combinações inesperadas realizadas por pessoas que se importam e agem, inclusive com outras espécies. Não se pode lidar com uma natureza que deve apenas ser protegida contra os danos causados pelos homens, nem com uma natureza que pode ser explorada à vontade (Stengers, 2015). Identifica-se



ainda uma busca para ultrapassar no pensamento crítico a separação entre natureza e cultura/sociedade, como dois universos distintos. Para Veiga (2023), os desdobramentos biogeofísicos e os problemas socioambientais que se enfrenta podem levar a uma reflexão sobre o esgotamento ou superação do atual estágio do capitalismo, impulsionado pelas tecnologias de comunicação, em direção a uma nova ordem.

Contudo, a valorização e o respeito à diversidade da natureza são tão importantes quanto o reconhecimento da diversidade cultural para a superação dos desafios contemporâneos, evitando a destruição do planeta através de guerras culturais (Wolton, 2023). Viver em sociedade democrática e aberta à alteridade orientada pelo respeito e a solidariedade não implica matar o Outro, mediante a negação da subjetividade individual e da integridade física e cultural (Cardoso, 2023). Nesse contexto, pensar a comunicação e o jornalismo implica abordar as dimensões sociocultural, política e econômica e ambiental do mundo contemporâneo “e construir mais histórias sobre devires-com-mundos-outros” (Haskel; Rett, 2023, p. 140). Afinal, as narrativas culturais podem contribuir para alterar a percepção dos riscos, promovendo metamorfoses no imaginário do Brasil e do mundo sobre a crise climática e reescritas de catástrofes como experiências sociais emancipatórias. Narrativas jornalísticas mais diversas e plurais podem ser parte importante desse processo, tematizando no presente os riscos do futuro e reconfigurando a tradução da realidade cotidiana com maior aprofundamento e investimentos éticos e estéticos na elaboração de notícias (Becker, 2022).

A partir de entrevistas realizadas com 15 jornalistas e de uma análise da cobertura jornalística do *Jornal Nacional (JN)* da tragédia humanitária causada pelas fortes chuvas no Rio Grande do Sul (RS), propõe-se neste artigo uma reflexão sobre o papel do jornalismo diante da crise climática e na construção de uma sociedade mais sustentável e inclusiva. Apesar dos muitos desafios enfrentados pelos jornalistas na atualidade, assume-se que os profissionais da mídia tradicional e de novos arranjos econômicos jornalísticos (Nonato *et al.*, 2018)⁴ têm consciência de suas

⁴ Considera-se que o termo “novos arranjos econômicos jornalísticos”, proposto por Nonato *et al.* (2018), é mais adequado do que os de jornalismo independente e alternativo para definir as novas formas de organização e de financiamento do trabalho jornalístico realizado por profissionais não vinculados a grandes empresas de mídia que surgiram na esteira do declínio dos impressos e ascensão dos meios digitais e das redes sociais. Mas entende-se que essas organizações jornalísticas emergentes também devem ser reconhecidas como veículos nativos digitais. Assim, ambas as expressões são utilizadas no texto.



responsabilidades e potencialidades no combate aos problemas socioambientais e à desinformação.

Jornalismo Ambiental

O jornalismo é central para a democracia e para um sistema de informação de credibilidade, mas os seus desafios não são os mesmos de antes. A digitalização dos meios, a emergência das redes sociais e o fenômeno da plataformação transformaram a velocidade de produção e do fluxo de informação. A necessidade de realizar múltiplas tarefas e produzir conteúdos para várias plataformas aumentou a sobrecarga de trabalho dos jornalistas. Novas tecnologias da informação disponibilizam o acesso instantâneo a um vasto conjunto de dados e surgem novas fontes no horizonte desses profissionais. Porém, a multiplicidade de vozes emergentes dilui o protagonismo dos jornalistas e do jornalismo como fonte de informação (Traquina, 2023).

Os discursos enganosos que circulam nas redes, que se apresentam como verdadeiros, não pretendem dizer a verdade, mas buscam criar o maior eco possível em ressonância com as crenças de cada um. As empresas jornalísticas têm a obrigação de verificar as informações e fazer uma triagem entre o erro, o falso e o verdadeiro que circulam nas redes sociais, porém, pressionadas pelo fator tempo e pela concorrência, chegam a divulgar notícias sem os habituais procedimentos de comprovação da veracidade dos fatos. Neste contexto, há uma crise de verdade, contesta-se qualquer autoridade de saber e dessacraliza-se o discurso científico e o discurso jornalístico. A pós-verdade desestabiliza a percepção do saber do conhecimento e do saber de crença, remete às *fake news*, às verdades alternativas e ao negacionismo. E as contraverdades que são lançadas no espaço público colocam um problema para a democracia, para os cidadãos que precisam estar bem informados e para o jornalismo (Charaudeau, 2022). Assim,

[...] os meios de comunicação ficam presos entre o contrato que os legitima, ou seja, relatar os fatos com a maior precisão possível, oferecendo explicações razoáveis e esclarecidas, e a necessidade de captar leitores, ouvintes e telespectadores, realizando representações da informação, centrando nos temas mais destacados, dramatizando a apresentação, espetacularizando a polêmica [...] (Charaudeau, 2022, p. 157).

Diante da complexa paisagem midiática e dos desafios enfrentados pelo jornalismo e pelos jornalistas na atualidade, profissionais e pesquisadores buscam repensar o *ethos* da profissão. O jornalismo como forma de conhecimento, os seus



modos singulares de traduzir o mundo real histórico e os critérios de noticiabilidade são questões revisitadas nas pesquisas em comunicação e nas práticas jornalísticas. Hoje, já existe um consenso nos estudos do campo de que, além da função de informar e relatar os fatos, o jornalismo deve contribuir para ampliar a compreensão do mundo, produzindo e partilhando significados direcionados à transformação social.

O jornalismo ambiental trata das complexas relações, condições e influências que sustentam a vida em todas as suas formas e é caracterizado por uma abordagem sistêmica na observação e no relato sobre o meio ambiente (Bueno, 2007; Girard; Schwaab, 2008). Três funções básicas são desempenhadas pelo jornalismo ambiental: a informativa, a pedagógica e a política. A função informativa atende à necessidade dos cidadãos de terem informações sobre questões ambientais que os afetam. A função pedagógica explicita causas e soluções para problemas socioambientais, indicando caminhos para a participação cidadã e a superação desses desafios. A função política almeja despertar a consciência dos cidadãos sobre interesses financeiros e ações políticas que agravam problemas socioambientais, mobilizando as pessoas para combatê-los (Bueno, 2008).

O jornalismo ambiental se distingue de outros tipos de jornalismo por ir além da simples cobertura factual de temas ambientais. Tal prática jornalística recorre a pluralidade de vozes e se orienta por uma ética do cuidado pautada na responsabilidade social, promovendo a participação cidadã e abrindo espaço para a educação e conscientização. Essa abordagem visa alcançar um saber ambiental essencial para a vida cotidiana (Girard *et al.*, 2012). O jornalismo ambiental tem se expandido para outras editorias de jornais, revistas e programas telejornalísticos, traduzindo as ciências para o público e explicando a correlação entre eventos extremos e a necessidade de políticas públicas específicas. Catástrofes climáticas têm se tornado temáticas relevantes nas edições dos principais veículos de imprensa devido à gravidade desses acontecimentos.

Assim, o jornalismo ambiental tem contribuído para a construção de uma sociedade mais inclusiva e sustentável, colaborando para extinguir discriminações e ações predatórias contra o meio ambiente. O jornalismo ambiental promove soluções sustentáveis ao destacar práticas que mitigam impactos ambientais e inspiram ações positivas na comunidade; fomenta o engajamento cívico, incentivando a participação nas discussões sobre políticas ambientais, e atua como mediador social, facilitando a



comunicação entre diferentes vozes e promovendo um diálogo inclusivo (Girard *et al.*, 2012).

Além disso, tal prática jornalística aumenta a conscientização pública sobre as mudanças climáticas, conectando a ciência à sociedade ao traduzir informações complexas em linguagem acessível; e estimula o debate público e a formulação de soluções, investigando práticas prejudiciais ao meio ambiente e responsabilizando empresas e governos (Holanda; Kääpä; Costa, 2022). O jornalismo ambiental também explora uma diversidade de narrativas, incluindo vozes de comunidades marginalizadas, enriquecendo a cobertura e oferecendo uma visão ampla dos desafios ambientais. Tais potencialidades destacam a importância do jornalismo ambiental não apenas como fonte de informação, mas também como agente de mudança social e ambiental, pois é capaz de influenciar atitudes e comportamentos em relação ao meio ambiente, desempenhando um papel ativo na construção de uma sociedade mais consciente e engajada com as questões ambientais (Bueno, 2008).

No entanto, um dos principais desafios para jornalistas ambientais é a fragmentação da cobertura noticiosa, que resulta em abordagens superficiais e descontinuadas (Girard *et al.*, 2012). A priorização de novidades e eventos dramáticos limita a profundidade e a capacidade de abordar questões socioambientais de forma complexa e contextualizada. Essa lógica noticiosa impede a explicação das interações entre diferentes temas e aspectos que se entrelaçam nas questões ambientais, resultando em uma compreensão limitada do público sobre a interconexão ecossistêmica e enfraquecendo a mobilização social em direção a políticas sustentáveis.

Desafios financeiros e políticos também impactam negativamente a produção e qualidade das reportagens ambientais (Holanda; Kääpä; Costa, 2022). As restrições financeiras levam a demissões de jornalistas e menos investimentos em reportagens investigativas. Os recursos limitados prejudicam a qualidade da apuração, pois a cobertura socioambiental frequentemente exige viagens a campo e custos adicionais com equipamentos e segurança. Pressões políticas ainda podem levar à censura ou autocensura, desviando críticas a políticas governamentais ou interesses corporativos, especialmente quando ligados a grandes doadores ou anunciantes. Esse contexto pode favorecer certos pontos de vista, minimizar problemas ambientais ou até mesmo omitir a cobertura de determinadas situações. Tais desafios ressaltam a necessidade de um apoio mais robusto ao jornalismo ambiental, tanto em termos de financiamento



quanto de liberdade editorial, para garantir que questões críticas relacionadas ao meio ambiente sejam adequadamente cobertas e discutidas na sociedade.

Buscando identificar como os profissionais entendem desafios e potencialidades do jornalismo ambiental diante da crise climática, foram entrevistados 15 jornalistas de veículos públicos e privados da mídia tradicional e de nativos digitais, todos com mais de 20 anos de experiência na produção de reportagens sobre questões socioambientais. Procurando inferir se e como as narrativas jornalísticas desempenham papel importante no entendimento de problemas sociais, políticos e ambientais e de transformações requeridas para uma economia sustentável e uma sociedade mais inclusiva (Becker, 2024), foi também analisada a cobertura jornalística da tragédia climática causada pelas fortes chuvas e pelas enchentes no RS, nos meses de abril e maio de 2024, realizada pelo principal telejornal do país, o *Jornal Nacional (JN)*.

Desafios e potencialidades do jornalismo nas vozes dos jornalistas

Os 15 jornalistas de veículos públicos e privados da mídia tradicional com mais de 20 anos de experiência na produção de reportagens sobre questões socioambientais são: Ana Carolina Amaral (*Folha de S. Paulo*), Ana Lúcia Azevedo (*O Globo*), Ana Magalhães (*Sumaúma*), Adele Santelli (TV Cultura), André Trigueiro (TV Globo), Claudio Angelo (Observatório do Clima), Daniella Chiaretti (*Valor Econômico*), Fernando Gabeira (GloboNews), Giovana Girardi (Agência Pública), Katia Brasil (Amazônia Real), Maristela Crispim (EcoNordeste), Marta Salomon (*Revista Piauí*), Roberta Jansen (*Estado de S. Paulo*), Naira Hofmeister (*Repórter Brasil*) e Stefano Wroblewski (InfoAmazônia). Os critérios considerados para escolha dos entrevistados foram a trajetória profissional de cada um deles, a representação de veículos da mídia *mainstream* e dos nativos digitais das cinco regiões do país e a inclusão de organizações pública e privadas. As entrevistas semiabertas (Duarte; Barros, 2015) foram realizadas entre novembro de 2023 e abril de 2024, por meio de videochamadas no Google Meet, troca de áudios e textos no WhatsApp e *por e-mail*, e não foram protegidas por anonimato porque os profissionais fizeram questão de posicionarem-se publicamente.

Ao ser indagada sobre a existência de um papel específico do jornalismo na construção de uma sociedade mais justa, solidária e sustentável, Giovana Girardi, chefe da cobertura socioambiental da Agência Pública, respondeu de maneira simples e



direta: “Sim, e é por isso que eu sou jornalista”. André Trigueiro, repórter da Rede Globo e apresentador do programa *Cidades e Soluções*, da GloboNews, foi enfático ao destacar a responsabilidade do jornalismo diante da crise climática:

Se o jornalismo tem a função de reportar fatos de interesse público, fatos relevantes, e se experimentamos uma crise ambiental e climática sem precedentes na história da humanidade, não há escapatória para o jornalismo. Ele não tem outra saída se não cumprir de forma, digamos, muito cuidadosa, muito prolífica, muito intensa, as causas e as soluções dessa crise climática e da crise ambiental. Não tem como a gente justificar qualquer omissão de qualquer profissional de imprensa neste momento

Stefano Wroblewski, editor do *site* InfoAmazônia, Ana Carolina Amaral, repórter ambiental da *Folha de S. Paulo* e Daniela Chiaretti, repórter especial do *Valor Econômico*, acreditam que a construção de uma sociedade mais inclusiva e sustentável está na própria essência do trabalho jornalístico:

Eu não veria sentido no meu fazer jornalístico se não acreditasse que o conteúdo que a gente produz não pudesse produzir mudanças sociais significativas. [...] o jornalismo em geral certamente pode e o jornalista, no seu ofício, deve ter isso em mente (Stefano Wroblewski).

O jornalista tem um papel, e esse papel é trazer um diagnóstico que permita à sociedade perceber que a gente vive, sim, numa sociedade injusta, desigual, vulnerável e insustentável. Enfim, um jornalismo que dê conta de oferecer interpretação para os dados da realidade. O jornalista tem o papel de investigar a realidade. Quando o jornalista cumpre o seu papel de revelar o que está acontecendo, ele cria as condições básicas para que a sociedade se mobilize. Revelar o que está acontecendo é tudo o que a gente realmente precisa fazer. Porque isso cria inconformismo, cria constrangimento [...] Eu sou muito entusiasta de que o jornalismo é inconformismo em sua essência (Ana Carolina Amaral).

Eu acredito que o jornalismo é uma atividade fundamental. Ele checa fontes, busca fugir das *fakenews*, fala com pessoas, busca dados, faz análises, faz comentários. É muito diferente de ficar manifestando qualquer opinião que se tenha (Daniela Chiaretti).

Para Roberta Jansen, Ana Lúcia Azevedo, jornalistas de ciência e meio ambiente do jornal *Estado de S. Paulo* e do jornal *O Globo*, respectivamente, e para Claudio Angelo, Coordenador do Observatório do Clima – rede de entidades da sociedade civil brasileira dedicada a combater a crise climática –, o jornalismo também tem papel relevante na construção de uma sociedade mais justa e solidária:

Acho que é crucial na conscientização de temas como desigualdades e mudanças climáticas, oferecendo informações corretas (em tese, pelo



menos) e atualizadas, além de contexto. É o jornalismo que acaba apresentando ao público conceitos novos, estudos, números e acaba pautando e alimentando o debate público sobre os temas. Neste último ano, por exemplo, acho que foi o jornalismo que deixou clara para a população a relação direta entre as mudanças climáticas em curso e os eventos extremos cada vez mais frequentes, como ondas de calor, secas e enchentes. E ainda a relação direta entre as mudanças climáticas e as desigualdades sociais. É também o jornalismo que ouve a opinião de diferentes especialistas e acaba apresentando as soluções possíveis. O desafio é conseguir manter o jornalismo relevante com algum alcance social – que a gente vem perdendo (Roberta Jansen).

Acho que as informações que a gente produz são fundamentais. Na verdade, a mídia tem um papel essencial ao explicar e alertar para as consequências das mudanças climáticas. Em relação à redução das desigualdades, eu acho que também. Não sei o quanto a gente consegue medir se ela ajudou a reduzir as desigualdades, mas ela alerta sobre a desigualdade, ela expõe a desigualdade. Então, a mídia tem um papel fundamental nisso (Ana Lúcia Azevedo).

[...] dado que as mudanças climáticas e as desigualdades são tão imbricadas, acho que é papel do jornalismo, sim, ajudar a combater desigualdades (Claudio Angelo).

Fernando Gabeira, comentarista e repórter da Rede Globo, ressaltou a importância de o jornalismo estar aliado com a ciência:

[...] é preciso lutar para a sobrevivência da humanidade. Eu acho que a gente pode fazer isso, a gente pode informar, a gente pode, junto com a ciência propor soluções, fortalecer o conhecimento das pessoas, a formação das pessoas [...] colocar também questões que possam orientar governos ou, pelo menos, influenciar governos.[...] os fatos têm um poder muito grande, entende. Então eu acredito que uma boa reportagem, muito bem-feita e bem trabalhada, em todos os seus ângulos, ela acaba tendo um efeito maior.

Adele Santelli, apresentadora e editora do *Repórter ECO*, da TV Cultura, entretanto, destacou que seria importante haver um aprofundamento dos debates sobre a crise da biodiversidade e uma ampliação das fontes nas coberturas telejornalísticas sobre questões socioambientais. Mas ela não deixa de acreditar que uma boa informação, com o comprometimento de ser checada, um bom argumento e um posicionamento transparente contribuem para a busca de um mundo mais justo: [...] “Tem questões que são muito claras de que lado as pessoas estão. Eu acho que é melhor você ter um jornalismo, uma linha editorial clara e honesta, franca, do que você pregar um jornalismo imparcial”, disse Adele.

Segundo Marta Salomon, repórter especial da *Revista Piauí*, o agravamento das ondas de negacionismo em todo o mundo torna o papel do jornalismo ainda mais



fundamental. A transição para um mundo de baixo carbono, com menos desigualdade e mais solidariedade exige mudanças muito profundas e relativamente rápidas, mas os jornalistas enfrentam dificuldades:

No ambiente de crise de verdade em que vivemos, onde as mudanças climáticas enfrentam as ondas mais pesadas do negacionismo, acredito que o jornalismo tem um papel fundamental, mesmo que o jogo seja desigual e o negacionismo pareça estar vencendo. A ciência tem dificuldades de comunicação com um público maior, porque o grau de incerteza da ciência do clima é mesmo difícil de comunicar, as pessoas querem muito ouvir certezas, o que não há. O jornalismo tem o papel de fazer essa ponte entre a ciência e a experiência das pessoas, explicitar os diferentes interesses em jogo. Mas há obstáculos no trabalho dos jornalistas que começam por um sentimento crescente das pessoas, de alienação diante de notícias ruins, como os eventos climáticos extremos.

Naira Hofmeister, jornalista da *Repórter Brasil*, sediada no Rio Grande do Sul, também destaca o desafio do jornalismo de atrair o público devido à força das redes sociais:

O jornalismo, está perdendo confiabilidade. A gente sabe que as pesquisas mostram que as pessoas confiam menos no jornalismo do que elas confiavam antes. Tem aí uma distração pelas redes sociais que muda o tema e tal, uma falta de nexos. [...] A gente tem que fazer o nosso trabalho. [...] A gente tem que insistir. [...] eu percebo que é difícil, porque acho que esse escrutínio das redes sociais é muito duro para a gente lidar [...], acho que a gente tinha que tentar entender de uma maneira melhor, como conseguir capturar o coração das pessoas para essa questão ambiental sem deixar de fazer o trabalho de botar o dedo na ferida, mas conseguindo talvez chegar no leitor.

Ana Magalhães, jornalista investigativa e editora na Sumaúma, ressalta a necessidade de realizar uma apuração rigorosa e criteriosa das informações:

O bom jornalismo é científico, tem método, ele precisa ser verificável, ter fontes verificáveis. O leitor, se quiser, tem que pegar a sua reportagem e verificar o que você está dizendo. [...] eu já edito a matéria sabendo que vamos ser processados. Nossos assuntos são todos muito cabeludos, a gente mexe com peixe grande. Não temos dúvida de que seremos processados. Por isso, editamos o material com a certeza de que vamos vencer os processos, de que tudo está correto e pode ser provado. Fazemos dupla checagem, tripla checagem etc.

A editora e cofundadora do *site* jornalístico Amazônia Real, Kátia Brasil, também se preocupa com a checagem das notícias, sobretudo em decorrência da desinformação.



[...] são mais de 30 anos de jornalismo, eu até tive poucas ações judiciais, porque sempre busquei apurar de fato as situações como são. Mas hoje o que eu vejo é que os jornalistas estão muito envolvidos com as informações das redes sociais, estão, às vezes, apurando a mesma coisa nos mesmos grupos de WhatsApp. Então a notícia acaba virando uma única notícia para todos, e às vezes ele não está observando que aquela notícia tem uma desinformação, ela tem ali um dado que precisa ser checado. Não precisa ser um checador de fato para obter a verdadeira informação, mas o jornalista precisa apurar muito bem, e eu acho que isso está faltando hoje em dia.

Ela acredita que os jornalistas devem defender uma causa, do mesmo modo que outros veículos nativos digitais, como o Marco Zero, *A Ponte Jornalismo* e o Alma Preta. Entretanto, Kátia Brasil destaca que o Amazônia Real faz jornalismo independente e não aceita militância no exercício do jornalismo.

Quando o The Guardian, de Londres, anunciou que não chamaria mais o aquecimento global de aquecimento global, e sim de Crise Climática, eles disseram que estavam assumindo uma causa, a causa do planeta, da humanidade. Isso é ser ativista? A gente precisa realmente tomar um partido e resolver o que nós queremos enquanto humanidade. Nós praticamos um jornalismo de causas, que é diferente de ser ativista, nós somos jornalistas investigativos. A Amazônia Real tem um lado, que é o lado da floresta, da defesa dos povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos [...] Nós combatemos todas as desigualdades sociais e também defendemos os direitos humanos. O jornalismo é, antes de tudo, um serviço do cidadão. Nós somos defensores dos cidadãos, nós estamos fazendo isso para eles, para a nossa sociedade. Então, eu acho que o jornalismo é, antes de tudo, um defensor da cidadania, da democracia.

Maristela Crispim, editora do *site* Eco Nordeste, entende o jornalismo socioambiental como uma militância pautada na ciência e no senso de justiça.

De certa forma, o que nós fazemos é, sim, militância, mas é uma militância do bom jornalismo, ou só do jornalismo, porque o jornalismo era para ser só o bom jornalismo. O jornalismo que mostra as multifacetadas da realidade, que traz uma diversidade de fontes, que leva a sério a ciência e tenta trazer isso para o cotidiano das pessoas, principalmente num mundo onde a desinformação grassa [...].

Os 15 profissionais entrevistados consideram que o jornalismo e os jornalistas desempenham um papel importante na prestação de serviço de informações confiáveis na cobertura de eventos extremos. No entanto, eles enfrentam muitos e diferentes desafios para realizarem o jornalismo com integridade. Além de superar pressões do furo da concorrência, do *deadline*, da falta de recursos, os jornalistas afirmam que precisam investir em uma integração crescente com a ciência para conseguir manter o



jornalismo com alcance social relevante, sobretudo, no atual contexto de agravamento das ondas de negacionismo e da tensão provocada por ações judiciais de grupos poderosos incomodados com reportagens publicadas sobre questões ambientais. Os profissionais também manifestam a necessidade de apurar cada vez mais as reportagens para combater a desinformação e atrair o interesse do público, diante do aumento do consumo de informações nas redes sociais, da desconfiança das pessoas no jornalismo e do sentimento do público de alienação diante de notícias ruins. Contudo, todos os entrevistados reafirmam a importância do jornalismo ambiental para disseminação de informações a favor de uma sociedade mais justa, sustentável e democrática.

A partir de uma análise da cobertura jornalística do *Jornal Nacional* da tragédia causada pelas fortes chuvas no Rio Grande do Sul, baseada nos fundamentos teórico-metodológicos da *News Literacy* (Becker, 2024), busca-se identificar a relevância do jornalismo como forma de conhecimento da experiência cotidiana e para apontar soluções para problemas socioambientais na atualidade.

A tragédia climática no RS no JN

Segundo o balanço da Defesa Civil do estado do Rio Grande do Sul publicado no dia 28 de maio de 2024⁵, 469 municípios foram afetados pelas fortes chuvas. Quase 600 mil pessoas foram desalojadas, 49 mil acolhidas em abrigos e 53 continuavam desaparecidas. Foram resgatadas mais de 77 mil pessoas e 12 mil animais, mas ocorreram 169 óbitos. O Governador do RS, Eduardo Leite, estimou que os estragos causados pelos alagamentos resultaram em uma perda de arrecadação de 14 bilhões de reais para o estado e um custo maior que 19 bilhões para a sua reconstrução⁶. Em diferentes telas, a sociedade brasileira acompanhou as notícias do *Jornal Nacional* sobre as enchentes no Rio Grande do Sul que mobilizaram afetos e emoções e incentivaram ações de solidariedade. Este trabalho apresenta uma análise da cobertura do *JN*, amparada no método proposto por Becker e Waltz (2023) para aferição da credibilidade e da qualidade de matérias e reportagens em áudio e vídeo. Tal método, ancorado em pesquisas em jornalismo e estudos de televisão e de *News Literacy*, é

⁵ Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/defesa-civil-atualiza-balanco-das-enchentes-no-rs-28-5-9h>. Acesso em: 28 maio 2024.

⁶ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/rio-grande-do-sul-estimar-14-bilhoes-de-perda-de-arrecadacao-por-enchentes/>. Acesso em: 28 maio 2024.



constituído por sete dimensões⁷ aplicadas neste estudo em um *corpus* formado por 15 edições do *JN*, veiculadas de 29 de abril a 15 de maio de 2024. *A News Literacy* favorece o exercício local e global da cidadania, promove a diversidade cultural e políticas de proteção do interesse público e dos direitos humanos (Becker, 2024). E o exame da qualidade das notícias e do processo comunicacional que envolve a produção, a circulação e o consumo de notícias muito colabora para combater a desinformação, mitigar informações enganosas e apontar soluções para a superação dos problemas ambientais e da desigualdade social (Becker; Waltz, 2023).

A aplicação da dimensão **Território** permitiu observar que o Rio Grande do Sul foi o foco principal da cobertura em 66% das 15 edições do *Jornal Nacional* estudadas. As equipes do *JN* percorreram o estado para informar sobre a tragédia climática, ouvir histórias dos desabrigados, mostrar exemplos de solidariedade e medidas para a reconstrução das cidades gaúchas impactadas pelos danos dos alagamentos, sem acesso à energia elétrica, à internet e cobertas de lama. O telejornal ressaltou o desafio de implementar políticas rápidas e eficazes de adaptação e mitigação dos impactos das mudanças climáticas no Brasil. E na edição do dia 30 de abril de 2024, o noticiário divulgou o seu próprio relatório anual de governança ESG (Ambiental, Social e Governança), detalhando as ações de sustentabilidade do grupo Globo.⁸

O uso da categoria **Mercado** evidenciou o problema da desinformação, como um obstáculo significativo para as operações de resgate e acolhimento das vítimas e para a produção e circulação de informações de qualidade. E permitiu aferir que houve esforços para criação do Conselho Estadual de Comunicação Social (CECS) desde os anos 2000, visando à elaboração de ações e diretrizes para políticas públicas de

⁷ As sete dimensões que compõem o método são: **Território**, correspondente à localidade geográfica, às suas características socioculturais e de governabilidade; **Mercado**, relacionada à compreensão de seu funcionamento e de aspectos que definem o sistema de mídia em determinado território, incluindo legislações e regulações para meios de comunicação; **Mídia**, referente à identificação da empresa responsável pela produção de uma reportagem específica, a historicidade, o perfil, as rotinas produtivas, a credibilidade e o modelo de negócios de tal organização; **Produto**, que permite observar a autoria da matéria, as fontes, os testemunhos e as representações de atores sociais que fazem parte do relato, a presença ou ausência de contextualização do fato e de pluralidade de pontos de vista e características e modos de exploração de imagens e códigos audiovisuais; **Circulação**, associada às maneiras como a notícia circula e se insere na paisagem midiática; aos *sites*, plataformas e aplicativos onde é compartilhada; **Audiência**, referente às motivações e interações de espectadores e usuários; e **Sociedade**, a qual possibilita examinar a relevância da temática de uma notícia e a sua repercussão na vida social (BECKER; WALTZ, 2023).

⁸ Disponível em <https://historia.globo.com/historia-grupo-globo/noticias/noticia/globo-lanca-novo-relatorio-esg.ghtml>. Acesso em: 22 maio 2024.



comunicação social e inclusão digital no RS, porém, esses debates não avançaram. A dimensão **Mídia** viabilizou apreender as particularidades do sistema de mídia no estado gaúcho. A Rede Globo, o maior conglomerado de mídia do Brasil, possui mais de 50 afiliadas no país. A mais antiga delas é a Rede Brasil Sul (RBS), pertencente à família Sirotsky, fundada em 1978 e pioneira no modelo regional de televisão no Brasil. O Grupo RBS lidera a área da Comunicação no Rio Grande do Sul, produzindo jornalismo e entretenimento em rádio, televisão, jornal e plataformas digitais. A RBS TV faz parte do cotidiano da maioria dos gaúchos⁹.

A aplicação da dimensão **Produto**, revelou que houve um crescimento gradual do espaço dedicado à cobertura das enchentes no RS nas edições de 29 de abril a 4 de maio. No dia 3 de maio, as reportagens sobre as fortes chuvas no RS alcançaram 38% do tempo total da edição. A estrutura das edições, entretanto, seguiu um mesmo modelo na primeira semana do período observado: as matérias eram compostas por imagens de ruas alagadas, pontes caídas e estradas destruídas, repórteres da RBS entrevistando desabrigados e equipes de São Paulo e Rio ouvindo as autoridades. No entanto, no dia 6 de maio, o tempo dedicado à tragédia mais que dobrou, chegando a quase 47 minutos e ocupando 86% do noticiário. E pela primeira vez as chuvas no RS foram tratadas na escalada do *JN* como “Catástrofe climática”, destacando a dimensão da tragédia.

O apresentador e editor-chefe do telejornal, William Bonner, passou a apresentar o *JN* ao vivo, em pé, diretamente das margens do rio Guaíba, em Porto Alegre, buscando aprofundar os vínculos afetivos do *Jornal Nacional* com a população gaúcha e com as audiências de todos o país. A presença de Bonner na capital do RS, apresentando o *JN* em locações externas, usando um figurino mais informal e entrevistando diferentes atores sociais também destacou a importância da mediação do telejornal como forma de conhecimento da realidade social e instrumento de combate à desinformação (Becker, 2022). Do reencontro com colegas da RBS à conversa com um casal de idosos, ele conferiu gravidade e emoção ao acontecimento e demonstrou empatia com a população gaúcha. O tom pesaroso de suas enunciações intercalado com uma postura otimista inspirou cooperação e esperança, e ainda reforçou a premissa de que ser testemunha ocular de um grande acontecimento continua a ser um sinônimo de boa prática jornalística (Zelizer, 2007). Bonner

⁹ Cf: <https://www.gruporbs.com.br/nossa-historia>. Acesso em: 28 maio 2024.



destacou a plataforma Para Quem Doar¹⁰ como canal seguro de doações para as vítimas das enchentes no RS nas edições da segunda semana de maio. Ao longo desse período, a tragédia climática gaúcha foi a principal pauta do noticiário, ocupando blocos inteiros. As edições foram compostas de atualização de dados sobre a tragédia, imagens de destruição e de pessoas oferecendo ou recebendo ajuda, gráficos como mapas para explicar o clima, a geografia e a geologia das áreas e localidades mais afetadas, testemunhos de desabrigados e respostas e orientações do Poder Público.

Examinando o objeto de estudo pelo prisma da dimensão **Circulação**, notou-se que o *JN* está acessível em diferentes telas. Foi possível identificar as maneiras como os conteúdos e formatos noticiosos em áudio e vídeo se integraram à paisagem midiática do grupo Globo e apreender os modos como as notícias do telejornal sobre as enchentes no Rio Grande do Sul foram distribuídas e consumidas em diferentes mídias. O principal canal de transmissão do noticiário é a Rede Globo. O telejornal também está hospedado e acessível no *site* do G1, que recebe em média, 228,6 milhões de visitas por mês¹¹. Reportagens e vídeos recentes das edições do noticiário são publicados na primeira página do *site* do *Jornal Nacional* no G1. O *JN* ainda está disponível em *streaming* na GloboPlay para cerca de 30 milhões de usuários da plataforma¹², que oferece uma experiência intuitiva na busca por matérias específicas, com edições organizadas por data e fácil acesso. E, se o usuário criar uma conta Globo, o telejornal pode ser assistido ao vivo em diferentes dispositivos, bem como os demais programas da emissora.

A observação da dimensão **Audiência** proporcionou a oportunidade de entender as interações das audiências com as edições do *Jornal Nacional* analisadas e as maneiras como atribuíram sentidos às narrativas. No período analisado, o *JN* atingiu uma média de 24,5 pontos de audiência nacional nas 15 praças monitoradas pela Kantar Ibope Mídia¹³. Mas o investimento da emissora no jornalismo para noticiar as enchentes no Rio de Grande do Sul resultou na maior audiência semanal do ano. “Entre 6 e 12 de maio, a Globo atingiu sua maior audiência semanal no PNT (Painel

¹⁰ Cf: <https://www.paraquedoar.com.br/>. Acesso em: 28 maio 2024.

¹¹ Dados da plataforma SimilarWeb, disponível em: <https://www.similarweb.com/website/g1.globo.com/#overview>. Acesso em: 22 maio 2024

¹² Cf: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/>. Acesso em: 22 maio 2024.

¹³ Cf: <https://kantaribopemedia.com/conteudo/dados-rankings/audiencia-de-tv-pnt-top-06-a-12-05-24/>. Acesso em: 22 maio 2024.



Nacional de Televisão), com 12 pontos e 37% de *share* na medição do Ibope”¹⁴, e o *Jornal Nacional* teve o maior alcance de 2024. “Com Bonner em Porto Alegre, o ‘JN’ alcançou mais de 66 milhões de brasileiros, recorde neste ano. No dia 6, registrou o maior índice em sete meses: 26 pontos”¹⁵, também segundo aferição da Kantar Ibope. No dia 22 de maio, o telejornal ainda registrou 1 milhão de seguidores no Instagram, 6,5 milhões no Twitter/X e 8,3 milhões no Facebook¹⁶. Mas a interação do noticiário nas redes se limitou à publicação de trechos das edições e avisos sobre o início do telejornal, sem estabelecer uma relação direta com o público. A plataforma com maior número de visualizações e interações das audiências sobre a cobertura do *JN* das enchentes no RS, no período estudado, foi o Facebook. Verificou-se demonstrações de solidariedade (“*Que Jesus Amado abençoe e proteja sempre os gaúchos.*”); cumprimentos ao âncora (“*Boa Noite Bonner, que Deus abençoe você e o nosso Rio Grande do Sul.*”); desconfiança e crítica às informações e aos profissionais da Rede Globo (“*Esses comentários positivos é de quem trabalha na redação do jornal! Ou comenta ou é demitido! Porque a população mesmo, não quer nem ver os repórteres da Globo.*”); manifestações de negacionismo que contribuem para a desinformação (“*O planeta Terra tem 4,5 bilhões de anos, não vai ser 150 anos que vai destruir o planeta isso é fake news, cadê o Xandão?*”) e de hostilização à presença do Presidente Lula no RS (“*Lula deixe o povo Gaúcho em paz. Queremos Lula fora do Rio Grande do Sul. Quer usar a tragédia para fazer campanha para sua reeleição.*”)¹⁷.

O olhar para dimensão **Sociedade** desvelou a relevância da temática abordada, sinalizando que a tragédia no RS antecipa discussões já atrasadas no país sobre

¹⁴ Cf: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2024/05/15/globo-cobertura-de-enchentes-no-rs-faz-audiencia-nacional-crescer.htm>. Acesso em: 29 maio 2024.

¹⁵ Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/mobilizacao-da-globo-para-informar-sobre-tragedia-no-rs-gera-recordes-de-audiencia,8147397018ddfbac0724191c0fcd6e37sen4w18d.html#:~:text=Com%20Bonner%20em%20Porto%20Alegre,segundo%20aferi%C3%A7%C3%A3o%20da%20Kantar%20Ibope>. Acesso em: 29 maio 2024.

¹⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/jornalnacional/>; [https://x.com/jornalnacional/](https://x.com/jornalnacional); <https://web.facebook.com/JornalNacional>; Acesso em: 22 maio 2024.

¹⁷ Disponível em:

<https://www.facebook.com/JornalNacional/posts/pfbid0XGohjGdmBPY2J5zXC4k9VvcVNL9Muufd2eXFpg9CeKfN1wR3wa67Ae6xL13vFkbQl>;

<https://www.facebook.com/JornalNacional/posts/pfbid0r1tAjPdJL4drt5i78Lxxrfpqw84d87VojJo7Z5nm4HBcF4gs7cbeLM9nC1q8A9KCl>;

<https://www.facebook.com/JornalNacional/videos/1109039820329273/> ;

<https://www.facebook.com/watch/?v=1187606685562076>;

<https://www.facebook.com/JornalNacional/posts/pfbid0EVXQjroBiCFUHwRkJEncJD6cuYQk6tPhrs0eTriCNevJamUJFPMZV61XwDrpTmNvl> Acesso em: 22 de maio 2024.



políticas efetivas de adaptação e mitigação dos efeitos das mudanças climáticas, sistemas de alerta e protocolos de evacuação eficazes, às vésperas da realização da COP 30 no Brasil. A repercussão do acontecimento gerou pressões sobre o Poder Público, principalmente sobre o governador Eduardo Leite (PSDB) e o prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo (MDB). Reafirmou-se a importância das legislações e das políticas ambientais do RS e do país, e de debates no espaço público sobre a emergência climática e suas implicações sistêmicas para o enfrentamento desta tragédia e de eventos extremos. Ratificou-se que os veículos de comunicação são fundamentais para mediar a tradução da experiência social, combater a desinformação e fortalecer práticas democráticas (Becker; Waltz, 2023), propósitos alcançados pelo *JN* na cobertura sobre a tragédia gaúcha em parte das edições de 29 de abril a 15 de maio.

Considerações Finais

Em seu ensaio sobre "A responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire," Jorge Ijuim ressalta que a capacidade de agir e refletir, como defendida pelo educador, envolve mais do que a consciência de estar no mundo, pois exige estar com o mundo. Ele destaca que o verdadeiro compromisso humano se manifesta no engajamento profundo com a realidade, onde aqueles que realmente se comprometem se tornam imersos e envolvidos nas questões que enfrentam. Segundo o autor, um ser-jornalista engajado não é necessariamente um jornalista militante de causas, ideologias ou segmentos políticos. O engajamento a que ele se refere pode ser o que Cremilda Medina (1982) chama de "solidariedade às dores universais" (Ijuim, 2009). Este trabalho se aproxima dessa perspectiva ao identificar que tanto nas pesquisas em jornalismo quanto nas práticas profissionais há uma demanda por uma abordagem mais engajada no tratamento de informações jornalísticas sobre problemas socioambientais.

Os recursos e as condições de vida na Terra não são inesgotáveis e demandam de indivíduos e diferentes grupos sociais outras relações e modos de viver no planeta. Os efeitos da crise climática comprometem as metas de desenvolvimento sustentável da Agenda 2030, propostas pela ONU. As consequências de eventos de grande proporção, como os danos causados pelas enchentes no RS, afetam os direitos fundamentais, como educação, alimentação, segurança, trabalho, moradia e saúde. O cenário de destruição provocado pelas fortes chuvas e alagamentos e as perdas de vidas, moradias, trabalhos e memórias representam um retrocesso na recuperação



pós-pandemia e requerem ações efetivas e coordenadas de governos, da sociedade e de instituições – inclusive do jornalismo – para enfrentar os desafios socioambientais.

Stengers (2015) propõe no enfrentamento da crise climática a formação de ‘caixas de ressonância’ que levem os outros a pensar e a agir tanto a partir do que ocorre com alguns, quanto do que alguns realizam, aprendem e fazem existir, disponibilizando recursos e possibilidades experimentais para outros. Essas proposições ativas desejáveis feitas por uns, pelos outros e com os outros, segundo a autora, demandam testemunhas, celebrações e narrativas que povoam as imaginações, compartilhando êxitos e aprendizados, experiências bem-sucedidas entre a política e a produção experimental. Na cobertura do *JN* da tragédia climática no RS o jornalismo foi uma dessas formas narrativas.

A potência das enunciações do *Jornal Nacional* para sensibilizar brasileiros de todo país a serem solidários e realizarem doações para a população gaúcha foi evidente na cobertura do telejornal, sinalizando que “ser testemunha ocular da história” ainda é marca relevante do jornalismo e sinônimo de boas práticas profissionais (Zelizer, 2007). A cobertura do *JN* também evidenciou a necessidade de mudanças urgentes para a construção de uma sociedade mais saudável e equitativa.

Verificamos que a cobertura do *Jornal Nacional* alcançou os princípios do jornalismo ambiental ao abordar a calamidade climática no Rio Grande do Sul de maneira sistêmica. Os sentidos das enunciações integraram explicações científicas das causas com os impactos sociais, proporcionando uma compreensão ampla e interconectada dos eventos, em consonância com a abordagem multidisciplinar e complexa que caracteriza o jornalismo ambiental. As narrativas sobre as enchentes no RS do principal telejornal do país evidenciaram ainda a necessidade de mudanças urgentes para a construção de uma sociedade mais saudável e equitativa.

Os resultados obtidos neste estudo confirmam a hipótese de que o jornalismo tem um papel crucial na abordagem da crise climática e na construção de uma sociedade mais sustentável e inclusiva. Apesar dos muitos desafios enfrentados pelos jornalistas atualmente, como a crescente desconfiança do público e a distração provocada pelas redes sociais, que fragmentam a atenção e diluem a importância dos temas, os profissionais demonstram uma consciência clara de suas responsabilidades e potencialidades. As entrevistas realizadas e a análise do *Jornal Nacional* destacam desafios e potencialidades do jornalismo ambiental e apontam que os jornalistas



reconhecem a importância de seu papel na comunicação das questões climáticas, na luta contra a desinformação e na promoção de uma sociedade mais justa e solidária.

Referências

BECKER, B. News Literacy: a potência do diálogo entre jornalismo e educação contra a desinformação. **Esferas**, n. 29, 21 abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.31501/esf.v1i29.14752> .

BECKER, B. **A Construção Audiovisual da Realidade**: uma historiografia das narrativas jornalísticas em áudio e vídeo. Rio de Janeiro: Mauad X, 2022.

BECKER, B; WALTZ, I. Sete dimensões para leitura crítica e criativa das notícias em áudio e vídeo: repensando a qualidade do jornalismo audiovisual no ensino. **Comunicação & Inovação**, v. 24, e20239328, 2023. DOI: <https://doi.org/10.13037/ci.vol24.e20239328>.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo ambiental: explorando além do conceito. In: GIRARDI, Ilza; SCHWAAB, Reges (org.). **Jornalismo Ambiental**: desafios e reflexões. Porto Alegre: Editora Dom Quixote, 2008. p.105-118.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente**. Teoria e Prática. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **A Manipulação da Verdade**, do triunfo da negação às sombras da pós-verdade. São Paulo: Contexto, 2022.

CARDOSO, Gustavo. **A Comunicação da Comunicação**. As Pessoas são a Mensagem. Lisboa: Mundos Sociais, 2023.

DUARTE, Jorge.; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo, Atlas, 2017.

GIRARDI, I. M. T. et al. Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. **Comunicação & Sociedade**, v. 34, p. 131-152, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/5632>. Acesso em: 24 maio 2024.

GIRARDI, Ilza; SCHWAAB, Reges (org.). **Jornalismo Ambiental**: desafios e reflexões. Porto Alegre: Editora Dom Quixote, 2008.

IJUIM, Jorge Kanehide. A responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 31- 43, 2009.

HASKEL, Fernanda; RETT, Lucimara. Metamorfoses: futuros possíveis para a comunicação no Antropoceno. **Logos**, v. 30, n. 1, p. 129–144, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/73388>. Acesso em: 27 maio 2024.



HARAWAY, Donna. J. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HOLANDA, J. S. P.; KÄÄPÄ, P.; COSTA, L. M. Jornalismo ambiental: características e interfaces de um campo em construção. **Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 45, e2022109, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-58442022109pt>. Acesso em: 1 jun. 2024

LATOURE, Bruno. **Onde aterrar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

NONATO, Cláudia; PACHI FILHO, Fernando Felício; FÍGARO, Roseli. Relações de comunicação em novos arranjos alternativos e modelos de produção da notícia. **Líbero**, n.41, vol.1, p.101-115, 2018. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/956/965>. Acesso em: 19 maio 2024.

STATE OF THE GLOBAL CLIMATE, 2023. World Meteorological Organization (WMO). Year Published (2024). Disponível em: <https://library.wmo.int/records/item/68835-state-of-the-global-climate-2023>. Acesso: 15 abr. 2024.

STENGERS, Isabelle. **No Tempo das Catástrofes** - resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Questões Críticas do Jornalismo Contemporâneo**: os papéis pulverizados do capitalismo. Florianópolis: Insular, 2023.

VEIGA, José Eli da. **O Antropoceno e as Humanidades**. São Paulo: Editora 34, 2023.

WOLTON, Dominique. **Comunicar é negociar**. Porto Alegre: Sulina, 2023.

WORLD WATER DEVELOPMENT REPORT, 2024. Disponível em: https://www.unesco.org/en/articles/launch-2024-un-world-water-development-report-water-prosperity-and-peace?goal=0_eaf96d902a-bd4f696e25-288667493&mc_cid=bd4f696e25&mc_eid=067bb67f26. Acesso em: 14 maio 2024.

ZELIZER, Barbie. On "Having Been There": "Eyewitnessing" as a journalistic Key Word. **Critical Studies in Media Communication**, v. 24, n. 5, p. 408-428, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1080/07393180701694614>



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.